

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA
– 50 ANOS FORUM BERLINALE
4 de Setembro de 2020

THE MOON AND THE SLEDGEHAMMER/ 1971

Um filme de Philip Trevelyan

Realização, Argumento, Fotografia: Philip Trevelyan

Produção: Vaughan Films / Produtor: Jimmy Vaughan / Cópia em DCP, cor, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 65 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

The Moon and the Sledgehammer (“A Lua e a Marreta”) é o filme mais célebre de Philip Trevelyan, realizador britânico que trabalhou sobretudo para a televisão. Embora tenha tido alguma atenção no momento da estreia, a sua popularidade – chamam-lhe mesmo “filme de culto” – foi crescendo com o tempo, porventura à medida em que as questões que o filme taceia se foram tornando preocupações mais partilhadas, tanto de um ponto de vista político e social como de um ponto de vista ecológico, se é que em 2020 faz sentido dizer que se trata de dois “pontos de vista” distintos.

Trevelyan encontrou, por acaso, uma família (a família Page), que na viragem da década de 1960 para a de 1970 vivia num bosque algures no Sussex, de forma quase ludita, em quase completo alheamento do “mundo moderno” e da “civilização”, numa auto-subsistência que recusava praticamente todas as comodidades que esses ditos mundo e civilização tinham, já na época, para oferecer. O título do filme vem, aliás, do contraponto mais radical que Trevelyan podia fazer naquele período, a chegada do homem à Lua, sucedida mais ou menos coincidentemente com a rodagem: como diz o Sr. Page (o patriarca), comentando esse acontecimento (de que estava alegremente alheado): “*waste of time, waste of money; it’s a good job the moon’s well up there too, I’ve got room enough to swing a sledgehammer without hitting him*”. O que é isto quer exactamente dizer não é muito claro - o Sr. Page, ao longo do filme, diz várias coisas que parecem ininteligíveis mas sempre com uma fluência de “performer” à vontade no palco que Trevelyan lhe oferece (Page terá trabalhado num circo na sua juventude, contou mais tarde Trevelyan, embora sem o poder confirmar). Mas dá uma boa ideia do espírito do filme, e sobretudo uma boa ideia do espírito da família Page.

The Moon and the Sledgehammer filma as actividades diárias da família (o pai e os filhos, a mãe está ausente mas não há nenhuma explicação), o ambiente em que vivem, uma espécie de sucata ou, dizendo de outra maneira, de museu desleixado onde pontifica um espectacular tractor a vapor que será o protagonista da derradeira cena – quando vemos os Page numa deslocação à aldeia montados no seu vetusto veículo, clímax anacrónico que Trevelyan filma como uma marcha triunfal.

Talvez as razões do “culto”, contudo, não tenham apenas a ver com a simpatia por um modo de vida “alternativo”. Há um lado selvagem, perturbante, naquela família, à beira

da disfunção psicológica (ou mesmo psiquiátrica), que lembra um ambiente de seita, ou mesmo de culto, sem aspas. O evidente controlo que o Sr. Page mantém sobre a sua família (especialmente as filhas), para além de lembrar que nem todas as conquistas (como as conquistas sociais) do século XX nos trouxeram para um sítio pior do que o século XIX, tem contornos algo arrepiantes – pensamos noutra “família” muito famosa naquela época (a família Manson), ou noutras do final da década de 70 (como a do famigerado Jim Jones), pensamos em figuras como o Unabomber, outro ludita célebre pelos piores motivos (sendo certo, a propósito do Unabomber, que tinha o *Walden* como bíblia, que este retrato da família Page é um pouco como Thoreau revisto pelos Monty Python, cujo *Flying Circus* é absolutamente contemporâneo do filme de Trevelyan e certas cenas do filme fazem lembrar). Por muito pitorescos que sejam os Page, são também profundamente inquietantes: se não soubermos nada sobre o filme, vemo-lo sempre na iminência de se começarem a descobrir cadáveres, e durante a primeira vintena de minutos não se põe de parte a hipótese, à falta de “chainsaws”, irmos assistir a um *The Sussex Sledgehammer Massacre*. Mas parece que não: segundo contou Trevelyan, os Page foram morrendo pacificamente e nunca se descobriu nada de particularmente sinistro sobre eles.

Luís Miguel Oliveira